

Quintais agroflorestais e a construção de capacidades entre mulheres quilombolas em Cametá, Pará

Agro-forestry quintals and capacity building among quilombola women in Cametá, Pará

LOPES, Marcelo Rodrigues¹; SOUZA; Diego Marcos Gomes¹; DIAS, Odenira Correa²; MEDEIROS, Monique³.

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), marcelopes98@ufrj.br, diegoeki98@gmail.com; ² Mestranda no Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF) da Universidade Federal do Pará (UFPA), nira182017@gmail.com; ³ Docente no Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF) da Universidade Federal do Pará (UFPA), mmedeiros@ufpa.br.

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

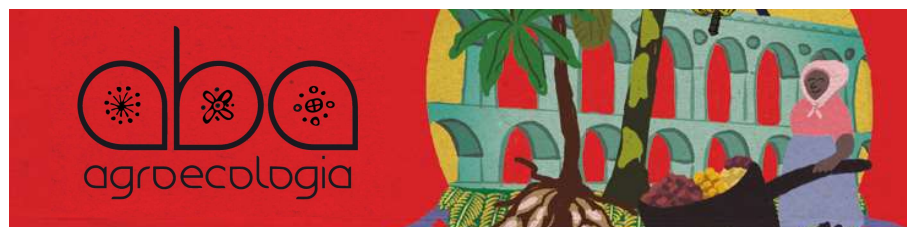
Resumo: Objetiva-se refletir acerca do papel que os quintais agroflorestais desempenham na expansão de liberdades das mulheres que trabalham para sua existência na comunidade quilombola de Porto Alegre, em Cametá, Pará. Isto a partir da observação participante, visita e catalogação de quintais agroflorestais da comunidade, e a realização de vinte entrevistas com mulheres da comunidade. Os quintais agroflorestais de Porto Alegre, se correlacionam com dois papéis de liberdade, o constitutivo, pela diversidade de espécies, e por representarem como espaços de liberdade de expressão para as mulheres. E também se ancoram no papel instrumental, a partir das facilidades econômicas que proporcionam, pela oportunidade de comercialização e de troca de espécies. Portanto, o trabalho feminino nos quintais agroflorestais configura-se como essencial ao desenvolvimento de *capabilities* destas mulheres, lhes ofertando liberdade e autonomia.

Palavras-chave: papéis de liberdade; autonomia; gênero; trabalho rural; invisibilização.

Introdução

O trabalho feminino no campo vem existindo pautado na sua invisibilização, até mesmo por parte de distintas mulheres rurais que foram condicionadas historicamente a negarem o seu papel significativo enquanto trabalhadoras (Miranda; Rodrigues, 2020). Em sua dissertação, Sousa (2017) relata que, em relação as mulheres quilombolas, estas acumulam em suas jornadas diárias de trabalho inúmeras tarefas domésticas, extradomiciliares, na propriedade rural, e por fim, na organização e mobilização da comunidade no aspecto político e religioso. Nesse cenário forjado por preconceitos de cor, raça, etnia e gênero é que essas mulheres, muitas vezes, têm suas liberdades e potenciais cerceados.

Dentre os inúmeros espaços rurais nos quais há tal invisibilização do trabalho feminino, neste texto destacamos os quintais agroflorestais. Estes se referem a um



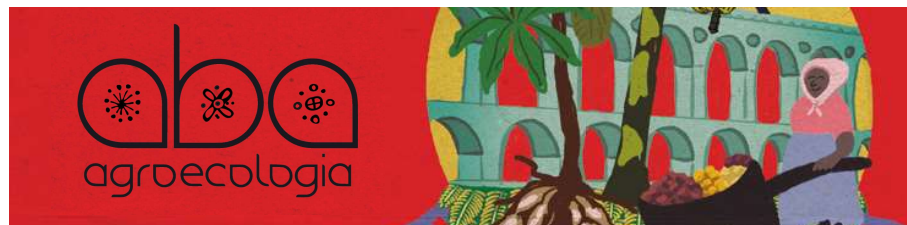
tipo de sistema agroflorestal que resulta da materialização de conhecimentos contextualizados, acumulados e transmitidos através de gerações pelos atores locais, os quais são constituídos, principalmente, pela combinação do cultivo de plantas frutíferas e medicinais, além de pequenos animais (Rosa *et al.*, 2007).

Para, Winklerprins (2005), os quintais, além de assumirem valores múltiplos diante dos benefícios que podem gerar para a família e para a agrobiodiversidade, são meios de propagação de conhecimento e base para o autoconsumo alimentar e farmacológico devido às diversas espécies cultivadas, em especial pelas mulheres. Nesse sentido, apresenta-se os sistemas agroflorestais, e mais precisamente os quintais agroflorestais, como materialização desta conexão entre soberania alimentar e agroecologia. Estes, apresentam-se como importantes espaços que concentram rica agrobiodiversidade e onde são adotadas práticas de cultivo com base agroecológica, os quais possuem crucial importância para os povos tradicionais amazônicos, e no contexto desta investigação, direcionamos o foco aos povos quilombolas.

Pinto (2011), em pesquisa realizada no Território do Baixo Tocantins, Pará, mais precisamente no quilombo de Umarizal, município de Baião, salienta que as mulheres rurais da região sempre exerceram juntamente às tarefas domésticas, como cuidar da casa e das crianças, os trabalhos de coleta de produtos da floresta, assim como atividades ligadas à “lida da roça”. Entretanto, a autora reitera que essas mulheres aprenderam a ouvir, através de discursos normativos, que as atividades destinadas a elas eram as mais “leves”, como plantar, capinar e colher e as dos homens eram as tarefas mais “pesadas”, como brocar, derribar, cavar. Finalizando, a autora pontua que na prática a divisão de trabalhos por sexo e a noção de “leves” e “pesados” não passam do campo das representações, uma vez que essas mulheres se equiparam aos companheiros, claro, sem grandes conflitos, e juntamente com eles vão deixando na memória de seus descendentes a história de constituição de seus povoados.

Justamente nesse contexto é que ganha potencialidade a leitura dos quintais agroflorestais como espaços catalisadores de desenvolvimento das liberdades dessas mulheres. Em diálogo com a abordagem das *capabilities*, cunhada por Sen (2000), a qual expressa a liberdade como primordial para que haja desenvolvimento, as liberdades alcançadas por tais mulheres se materializam a partir do gerenciamento destes agroecossistemas, observado na autonomia de escolha da configuração de espécies que irão compor o espaço, tal como na finalidade dos produtos produzidos nos seus quintais. O termo *capabilities* ainda procura refletir as habilidades que uma pessoa tem para executar ou alcançar os estados que considere desejáveis (Kageyama, 2008).

De acordo com Sen (2000), as liberdades são o âmago do enriquecimento da vida humana e em sua abordagem o economista direciona para os dois papéis que a liberdade pode possuir, sendo o papel constitutivo encaixado como um “fim primordial”, e o papel instrumental como o “meio” do desenvolvimento, sendo que ambos papéis se interligam por relações empíricas, assim como as liberdades agregadas aos mesmos. Sobre o papel constitutivo, este possui relação direta com



as liberdades substantivas da vida, entendidas a partir das capacidades elementares, exemplificadas a partir de condições de escapar de privações como a fome, a subnutrição, morte prematura, assim como liberdades como o alfabetismo, participação política e liberdade de expressão. O autor reitera ainda a importância da expansão destas e de outras liberdades humanas como um processo essencial para a avaliação e análise de desenvolvimento.

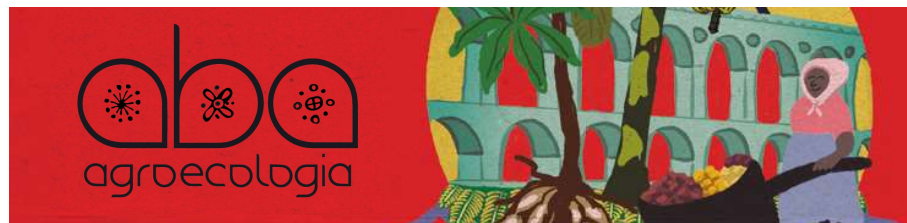
Já o papel instrumental refere-se a forma como diferentes tipos de direitos e oportunidades contribuem para a expansão de liberdades e para o estímulo ao desenvolvimento (Sen, 2000). Na abordagem das *capabilities*, o autor considera as seguintes liberdades instrumentais: liberdades políticas, facilidades econômicas, oportunidades sociais, garantias de transparência e, segurança protetora, em conjunto, estas liberdades possuem a capacidade de intermediar e proporcionar uma vida mais livre ao indivíduo. Segundo o economista, compreender o desenvolvimento e dissertar sobre políticas para tal, emerge da necessidade de se apreender sobre as interligações existentes entre as diferentes liberdades instrumentais exaltadas acima.

Portanto, num cenário de invisibilidade em relação ao trabalho das mulheres quilombolas, no qual se pressupõe que muitas possuem nos seus quintais o único espaço de liberdades decisórias sobre sua configuração e gestão, é que se pauta a pertinência deste agroecossistema para o desenvolvimento pessoal das mulheres rurais. À luz dessas explicações, neste capítulo, objetiva-se refletir acerca do papel que os quintais agroflorestais desempenham na expansão da liberdade das mulheres que trabalham para sua existência na comunidade quilombola de Porto Alegre, no município de Cametá, no Pará. Para tanto, mobiliza-se nesse texto as contribuições do economista Amartya Sen, o qual relaciona a construção de autonomia com a expansão das liberdades (*capabilities*).

Metodologia

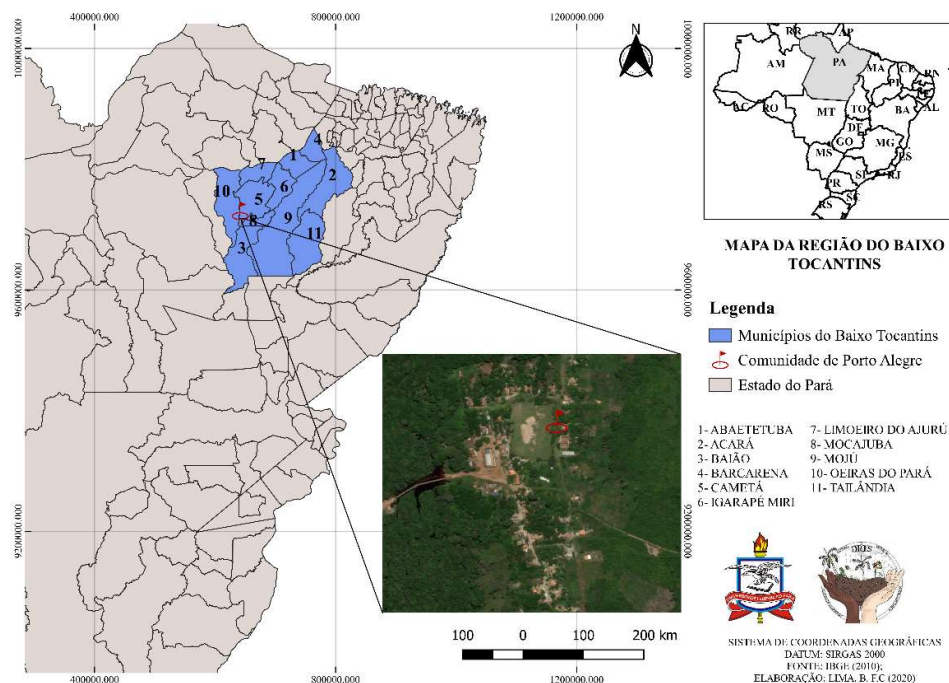
Para o alcance desse objetivo, elegeu-se como *locus* de pesquisa a Comunidade Quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, que integra o Território do Baixo Tocantins (Figura 1). Segundo dados do Censo do IBGE (2010), este Território abrange uma área de 36.024,20 km² e possui 11 municípios: Abaetetuba, Acará, Baião, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará e Tailândia, possuindo uma população majoritariamente rural, com 390.579 (52,79%) pessoas residindo no meio rural, e 349.302 (47,21%) no meio urbano.

A Comunidade Quilombola Porto Alegre, onde foi realizada a pesquisa de campo, situa-se a 45km do centro urbano de Cametá, próxima da BR 422, às margens do Igarapé Anauerá, cujo acesso se dá por via terrestre. A comunidade possui uma área de 2.858,7 hectares (Iterpa, 2020), na qual residem 90 famílias, distribuídas em 80 residências, cuja população total é de aproximadamente 400 habitantes. Um dos fatos importantes na história da construção dessa Comunidade foi a formação da Associação dos Remanescentes de Quilombos de Porto Alegre (ARQUIPA), em 2006, com apoio importante da MALUNGU, uma organização sem fins lucrativos, e



que representa as comunidades quilombolas do Pará. Este apoio foi essencial para que Porto Alegre obtivesse o Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo junto ao Instituto de Terras do Pará (ITERPA), em novembro de 2007.

Figura 1 - Localização do Território do Baixo Tocantins.



Fonte: IBGE (2010). Elaborado por Lima (2020).

Mais especificamente sobre as escolhas metodológicas da pesquisa que compõem esse capítulo, no período entre fevereiro de 2019 e março de 2020, foi realizada a observação participante, por meio do envolvimento dos pesquisadores em atividades agrícolas locais e conversas com diversas pessoas da comunidade, nos quintais das suas residências. Ademais, foram visitados e catalogados 20 quintais agroflorestais manejados por mulheres da comunidade. Complementaram esses instrumentais, a realização de 20 entrevistas semiestruturadas, direcionadas às mulheres mantenedoras desses quintais.

Resultados e Discussão

Comenta-se que sobre as mulheres em estudo, no tocante à sua renda mensal de suas famílias, tendo em vista o salário mínimo vigente da época de R\$ 998,00, obteve-se um percentual expressivo de 45% das entrevistadas possuindo renda menor que um salário mínimo. Nesse sentido, a provisão de alimentos através do manejo nos quintais, apresentam-se como de grande relevância para a nutrição saudável das famílias, que por obterem renda limitada, ficam privadas de comprar determinados produtos e/ou alimentos. Estas famílias entrevistadas que possuem



renda menor do que um salário mínimo, são beneficiárias do Programa Bolsa Família, ou seja, 45% do total. E dentre as que apresentam mais que um salário mínimo como renda familiar, 32% são beneficiárias da previdência social rural.

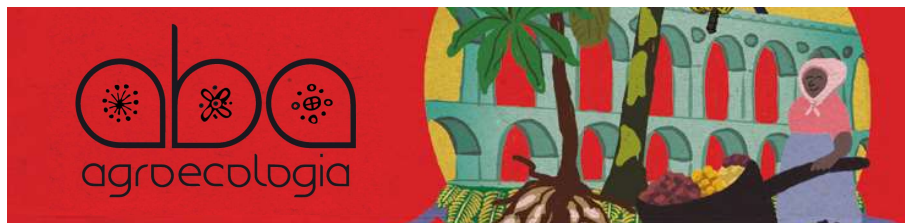
Pontua-se a partir dos diálogos com as mulheres, neste caso as aposentadas rurais, que o advento de renda da referida política pública, possibilita uma retroalimentação de inovações em seus locais de trabalho, dentre essas, a diversificação das suas roças e quintais. A renda mensal de um salário mínimo em suma garante que as mulheres diminuam a dependência dos proventos da roça de mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), ofertando às mesmas mais liberdade para modificarem a estrutura dos espaços de produção, com a introdução de novas espécies. Nos espaços onde prevalecia o monocultivo de mandioca, agora podem ser encontrados cultivos de melancia (*Citrullus lanatus*), arroz (*Oriza sativa*), milho (*Zea mays*) e maxixe (*Cucumis anguria*), dentre outras espécies alimentícias.

Ao caminhar na interligação dos quintais agroflorestais com as *capabilities*, à luz do papel constitutivo das liberdades, ou seja, sua capacidade de evitar a fome e como espaços de liberdade de expressão (Sen, 2000) para as mulheres quilombolas de Porto Alegre, reitera-se a importância da figura feminina nesses espaços. Tendo em vista a presença da fome, no que concerne à falta de alimentos disponíveis (Sen, 2000), depreende-se a partir da observação dos quintais de Porto Alegre, que este cenário se distancia destes espaços perante a rica diversidade de alimentos, que, muitas vezes é ainda ampliada com as trocas de conhecimentos, mudas e sementes. Assinala-se que para 63% das mulheres entrevistadas, as mudas e/ou sementes para implantação em seus quintais, foram adquiridas através do contato e em trocas com vizinhos e amigos da própria comunidade.

Ainda sobre as mulheres quilombolas da comunidade de Porto Alegre, se faz necessário assinalar que, em sua maioria, possuem baixo nível de escolaridade ou não foram alfabetizadas. Este fato pode estar relacionado com o contexto socioeconômico em que as agricultoras foram criadas, nos quais muitas mulheres tinham a responsabilidade de auxiliar seus pais nos trabalhos para aumentar a renda da família, ou, ainda, tinham dificuldade de acesso ao ambiente escolar. Das entrevistadas, nove possuem pouco ou nenhum ano de estudo escolar, oito completaram o ensino fundamental ou o médio, duas possuem ensino superior completo e uma pós-graduação.

Em relação à ocupação das 20 mulheres entrevistadas, 15% possuem trabalho remunerado na comunidade ou fora dela (como professora) e 85% trabalham na agricultura, nos quintais ou nas atividades domésticas, porém, somente recebem remuneração quando comercializam alimentos excedentes dos quintais agroflorestais, e/ou através dos benefícios sociais do governo, como bolsa família e aposentadoria rural. A vista disso, constata-se que, no decorrer da vida das mulheres entrevistadas, o Estado teve presença limitada, de maneira que, além de pouca educação escolar, essas mulheres não tiveram nenhuma possibilidade de entrada no mercado de trabalho formal que lhes garantisse maior renda.

Sobre o papel instrumental de liberdade para a construção de *capabilities*, agrega-se a análise dos quintais agroflorestais de Porto Alegre a liberdade



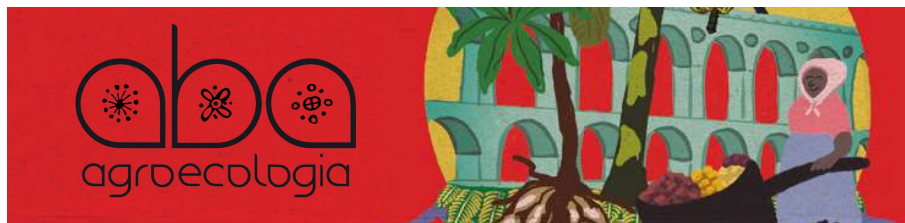
instrumental da facilidade econômica. Esta é compreendida a partir das oportunidades por parte das pessoas para utilizar recursos econômicos para o consumo, produção ou troca (Sen, 2000). Aproximando a ideia de facilidade econômica à realidade do nosso *lócus* de análise, podemos compreender os quintais agroflorestais também como um importante instrumento desse instrumental ao passo que as finalidades direcionadas aos quintais, tanto para consumo quanto para composição da renda familiar, refletem as diferentes oportunidades de escolha que as mulheres possuem no gerenciamento dos agroecossistemas.

O despontar da comercialização como finalidade para os produtos advindos dos quintais possibilitam também a construção de inovações na distribuição pelas mulheres que autogestionam os quintais agroflorestais. Salienta-se a partir das observações em campo que, essa comercialização ocorre na própria comunidade e também com contatos no centro da cidade de Cametá. Portanto, depreende-se que a constituição dos quintais agroflorestais na comunidade de Porto Alegre, como espaços que configuram também como uma alternativa frente às dinâmicas capitalistas de consumo e produção, encaixa-se no pilar libertatório que Sen (2000) apresenta.

Diante de todo exposto, compreende-se que o trabalho feminino nos quintais agroflorestais se configura como essencial ao desenvolvimento de *capabilities* destas mulheres, lhes ofertando liberdade e autonomia. Isto decorre, como já citado, pelo fato dos agroecossistemas estarem em grande parte sendo administrados pelas mãos das mulheres, deste modo, lhes ofertando o protagonismo na tomada de decisão sobre sua constituição, sendo isto um fator significativo para a autonomia das mulheres.

Conclusões

Os quintais agroflorestais de Porto Alegre, apoiam em dois papéis relacionados à construção de liberdade, sendo o primeiro o constitutivo, por sua capacidade de evitar a fome, tendo em vista a diversidade de espécies encontrada, e também por configurar-se como espaços de liberdade de expressão para as mulheres quilombolas de Porto Alegre, já que mais da metade dos quintais analisados são gerenciados pelas mulheres, e também potencializam inter-relações de troca e diálogo entre as mantenedoras dos espaços. Já o segundo, trata-se do papel instrumental de liberdade, mais especificamente sobre as facilidades econômicas que os quintais proporcionam, ao possuírem a liberdade de definir a finalidade dos produtos retirados familiar destes agroecossistema. A incisiva limitação ao desenvolvimento de *capabilities* pelas mulheres quilombolas de Porto Alegre, ocasionado pelo machismo, e também pelos poucos anos de estudo, se direciona a observar nos quintais agroflorestais, um campo sensível para a construção de liberdades para a vida destas, por conta da administração que possibilita o direito de escolhas.



Agradecimentos

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro concedido à realização de pesquisa de campo, por meio do projeto “Tecnologia e Inovação Social na Amazônia Oriental: articulando produção e sustentabilidade na consolidação da agricultura familiar quilombola”, aprovado na chamada CNPq/MCTIC/MDS no 36/2018 - Tecnologia Social. À Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará (UFPA) e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, respectivamente pelo financiamento de uma bolsa de extensão e uma de iniciação científica, ambas vinculadas ao projeto aprovado na chamada CNPq.

Referências bibliográficas

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010** – resultados preliminares. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_para.pdf. Acesso em: 17 Jun. 2020.

ITERPA. **Quilombolas**. 2020. Disponível em: <http://www.iterpa.pa.gov.br/content/quilombolas-0>. Acesso em: 26 Jul. 2020.

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicações ao caso brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

MIRANDA, Ellen Rodrigues da Silva; RODRIGUES, Doriedson do Socorro. “Outros” coletivos femininos: Lutas e Resistências que formam mulheres quilombolas na Amazônia. **Revista Diálogo Educacional**, v. 20, n. 67, 2020.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Mulheres Negras Rurais: Resistência e Luta por Sobrevivência na Região do Tocantins (PA). In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH – Associação Nacional de História**. São Paulo: ANPUH, 2011.

ROSA, Leonilde dos Santos. *et al.* Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, p. 337-341, 2007.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOARES, R. K. *et al.* Atuação das mulheres no manejo de quintais agroflorestais no município de Vale de São Domingos-MT. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, v. 10, 2016, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: [s.e.], 2016.

SOUSA, Vivianne de. **Mama África**: os quilombos do sertão e as lutas das mulheres das comunidades negras de Catolé do Rocha–PB. 2017. 160 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

WINKLERPRINS, Antoinette; SOUZA, Perpetuo de. Surviving the City: Urban Home Gardens and the Economy of Affection in the Brazilian Amazon. **Journal of Latin American Geography**, v. 4, n. 1, p. 107-126, 2005.